

**Quando o armário é aberto:  
confiança e segredo na  
experiência da amizade**

Coming out of the closet:  
confidence and secret in the  
experience of friendship

**Jainara Gomes de Oliveira**

Doutoranda em Antropologia Social - PPGAS/UFSC  
Pesquisadora do NIGS - Núcleo de Identidades de Gênero e  
Subjetividades da UFSC  
[gomes.jainara@gmail.com](mailto:gomes.jainara@gmail.com)

**Resumo:** O presente artigo pretende realizar uma análise aproximativa da relação entre confiança e segredo na experiência da amizade de Luiza (branca, 35 anos de idade), residente na cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, região Nordeste do país. Apresento esta biografia individual na tentativa de sublinhar as gramáticas emocionais, as disposições morais e os processos de justificação que caracterizam as suas experiências homoeróticas em um regime de visibilidade sexual designado aqui como armário. Para elucidar o problema proposto, a abordagem teórica deste artigo toma a confiança e o segredo na experiência da amizade como categorias analíticas amparadas no campo da antropologia das emoções e da moralidade. Deste modo, procura-se entender a constituição de redes de amizade como um lugar privilegiado para a revelação do segredo. O segredo, assim, perpassa a intencionalidade da ocultação e da revelação que envolve o regime de visibilidade do armário. A confiança, por sua vez, como uma complexa ação marcada por ambiguidades e ambivalências, organiza a prática interativa na vivência relacional da amizade e da proteção do segredo. As descrições etnográficas que são analisadas neste artigo foram produzidas a partir do trabalho de campo realizado na cidade de João Pessoa para a minha pesquisa de mestrado em antropologia. O trabalho de campo, por sua vez, foi organizado a partir de entrevistas formais, conversas informais e da observação participante em diferentes espaços de sociabilidade.

**Palavras-chave:** Amizade; Confiança; Fidelidade; Segredo; Armário/Visibilidade.

**Abstract:** This article intends to perform a rough analysis of the relationship between trust and secrecy in the experience of friendship of Luiza (white, 35 years of age), resident in the city of João Pessoa, capital of the State of Paraíba, northeastern region of the country. I present this individual's biography, in an attempt to emphasize the emotional, moral grammars and justification processes that characterize his homoerotic experiences in a regime of visibility designated here as sexual closet. To elucidate the proposed problem, theoretical approach of this article takes the trust and the secret in the experience of friendship as analytical categories supported in the field of anthropology of emotions and morality. In this way, It seeks to understand the establishment of networks of friendship as a privileged place for the revelation of the secret. The secret so pervades the intentionality of concealment and revelation involving the regime of visibility of the closet. The trust, in turn, as a complex action marked by ambiguity and ambivalence, organizes interactive practice in relational experience of friendship and protection of the secret. Ethnographic descriptions that are analyzed in this article were produced from the field work carried out in the city of João Pessoa to my Masters research in anthropology. The field work, in turn, was based on formal interviews, informal conversations and the participant observation in different spaces of sociability.

**Keywords:** Friendship; Confidence; Fidelity; Secret; Closet/Visibility.

## Introdução<sup>1</sup>

O presente artigo pretende realizar uma análise aproximativa da relação entre *confiança* e *segredo* na experiência da amizade de Luiza (branca, 35 anos de idade), residente na cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, região Nordeste do país. Conheci Luiza quando ela trabalhava como assessora de comunicação em um órgão público, em João Pessoa. A primeira vez que fomos apresentadas foi durante uma das atividades realizadas por este órgão público, no mês de março de 2013. Devido ao fato de conhecermos várias pessoas em comum, que faziam parte da nossa rede profissional, encontrávamo-nos com regularidade. Foi a partir dessa relativa proximidade que surgiu a oportunidade para conversarmos sobre a minha pesquisa.

Nesse sentido, um dos meus primeiros encontros com Luiza, fora do seu ambiente de trabalho, aconteceu em um café localizado no bairro dos Bancários em João Pessoa. Neste primeiro encontro, Luiza me contava um pouco sobre a sua trajetória afetiva e sexual. Inicialmente, disse-me que vivenciou a sua primeira experiência homoerótica aos 32 anos de idade. Ela conheceu esta sua primeira parceira quando as duas ainda eram colegas de trabalho. O cotidiano do trabalho permitiu que elas se aproximassem e, dessa aproximação, surgiram as primeiras intenções eróticas e afetivas entre elas.

Luiza disse que nunca tinha experimentado uma relação homoerótica antes, mas, durante uma das festas de confraternização promovida por seus colegas de trabalho, elas conversaram sobre a atração que estavam sentindo uma pela outra. A festa aconteceu em uma das praias do litoral norte do estado, na casa de uma das suas colegas de trabalho. Para Luiza, este era um cenário propício para ter aquela conversa. Sentadas na beira da praia, elas se beijaram. Luiza disse ter ficado nervosa, pois era a primeira vez que beijava uma mulher.

Depois desse primeiro beijo, elas passaram a se encontrar fora do ambiente de trabalho. Em um desses encontros, tiveram a primeira experiência sexual entre elas. Na medida em que a relação entre elas se consolidava, Luiza passava a dormir mais vezes na casa de sua parceira, o que, por sua vez, implicava ter que criar *desculpas* (Werneck, 2009) para os seus pais, como forma de justificar as noites que dormia fora de casa. Luiza relatava que contava com a cumplicidade de uma amiga para não ser descoberta pelos

seus pais. Era na casa desta amiga onde Luiza dizia aos seus pais que dormiria naquelas noites.

Luiza, enquanto bebia um café expresso e comia uma fatia de torta de maçã com calda de caramelo, narrava que possuía uma relação de proximidade com seus pais. No entanto, ela acreditava que não existia abertura para lhes *revelar* estas suas experiências afetivas e sexuais com mulheres, pois considerava-os religiosamente conservadores. Mas, para Luiza, esta situação era bastante conflituosa e permeada por tensões, pois implicava uma organização dos códigos morais e emocionais que orientavam a relação de *confiança* e *confiabilidade* estabelecida com seus pais.

A *gestão do segredo* sobre as suas relações homoeróticas, assim, oferecia-lhe a possibilidade de alargar o espaço interacional limitado pelos laços familiares e de ampliar a sua rede de sociabilidade. A experiência da amizade, nesse sentido, apresentava-se como uma ponte que lhe permitia reduzir a complexidade dos custos emocionais que o processo de *negociação da visibilidade sexual* exigia para ela.

Dito isto, apresento a trajetória individual de Luiza, na tentativa de sublinhar as gramáticas emocionais, as disposições morais e os processos de justificação que caracterizam as suas experiências homoeróticas, em um *regime de visibilidade sexual* designado aqui como armário (Eribon, 2008; Oliveira, (No Prelo); Santana, (No Prelo); Sedgwick, 2007). Para tanto, o foco da análise recai sobre a relação entre *confiança* e *segredo* na sua experiência de amizade.

As descrições etnográficas que são analisadas neste artigo foram produzidas a partir do trabalho de campo realizado na cidade de João Pessoa durante pouco mais de um ano, entre 2012 e 2013, para a minha pesquisa de mestrado em antropologia. Esta pesquisa, da qual este artigo se beneficia diretamente, tinha por finalidade analisar como se configurava a relação entre prazer e risco nas práticas homoeróticas entre mulheres<sup>2</sup>. Neste período, acompanhei o cotidiano de várias mulheres entre 20 e 51 anos de idade, negras e brancas, pertencentes a diferentes estratos socioeconômicos. O trabalho de campo, por sua vez, foi organizado a partir de entrevistas formais, conversas informais e observação participante em cafés, bares, boates, festas, entre outras diversidades de situações corriqueiras.

Para alcançar o objetivo maior da referida pesquisa, também se fez necessário perceber o modo como estas mulheres negociavam a visibilidade das suas relações homoeróticas no cotidiano dos laços familiares e de amizades. As redes de amizade, nesse sentido, figuravam como *projetos individuais* que eram concretizados a partir da *reciprocidade* da ação (Velho, 2006). Neste artigo, contudo, privilegio apenas a relação entre *confiança* e *segredo* na experiência da amizade de Luiza.

Com o intuito de elucidar o problema proposto, deste modo, a abordagem teórica deste artigo toma a *confiança* e o *segredo* na experiência da *amizade* como categorias analíticas amparadas no campo da antropologia das emoções e da moralidade (Koury, 2004; 2009; 2014; Rezende; Coelho, 2010). Sob esta ótica de análise, procura-se entender a constituição de redes de *amizade*<sup>3</sup> como um lugar privilegiado para a *revelação do segredo*. O *segredo*, assim, perpassa a intencionalidade da *ocultação* e da *revelação* que envolve o *regime de visibilidade sexual* do armário. A *confiança*, por sua vez, como uma complexa ação marcada por ambiguidades e ambivalências, organiza a prática interativa na vivência relacional da amizade e da *proteção do segredo* (Simmel, 1939, 1999, 2004, 2009; Maldonado, 1999).

Isto posto, o artigo que se apresenta foi dividido em três partes. Na primeira parte, exponho de maneira concisa a discussão sobre o armário enquanto um regime de visibilidade sexual. Na segunda parte, busco apresentar uma definição sobre amizade. Para, na terceira parte, discutir a relação entre confiança e segredo na experiência da amizade de Luiza.

### **Sociabilidade, amizade e visibilidade**

A partir das análises preliminarmente alvitadas na minha dissertação de mestrado em antropologia<sup>4</sup>, procuro sugerir que o regime de visibilidade sexual do armário, como um ideal regulatório que orienta condutas, configura-se pelas regras de individualização e suas fronteiras simbólicas. Este regime de visibilidade sexual apresenta, assim, uma gramática moral particular que exige a organização dos códigos emocionais dos indivíduos com práticas sexuais dissidentes. O processo de negociação da visibilidade sexual, deste modo, constitui-se em uma experiência social e individual que implica uma avaliação moral dos custos emocionais para os indivíduos em interação. Nesse sentido, Eribon (2008: 142) analisa que:

a estrutura do armário é tal que ninguém jamais está simplesmente fora ou dentro, mas sempre, ao mesmo tempo, fora e dentro, mais ou menos fora ou mais ou menos dentro conforme os casos e as evoluções pessoais. Ninguém jamais está totalmente dentro, na medida em que, [...], o “armário” sempre é suscetível de ser um “segredo público”, e sempre há pelo menos uma pessoa que sabe e de quem se sabe ou se imagina que sabe. Ninguém jamais está totalmente fora, pois sempre é possível, num momento ou noutro, ser obrigado a calar sobre o que é (aspas do autor).

Deste modo, se analisarmos o ato de *assumir-se*, ou, o *segredo aberto*, como a imposição de um dispositivo histórico de poder constituído em modos de regulação da vida social e individual, poderíamos sugerir que o regime de visibilidade sexual do armário, com suas fronteiras morais e custos emocionais, possibilitou mapear o processo pelo qual a heterossexualidade compulsória (Rich, 2010) foi constituída historicamente como um modo privilegiado de socialização.

Apenas neste regime de visibilidade sexual os indivíduos passaram a ser reconhecidos intersubjetivamente, aceitos e respeitados nas principais instituições sociais da cultura ocidental moderna (Sedgwick, 2007). Nos rastros de Santana (No Prelo), assim, pode-se assinalar “o “armário” como um regime de visibilidade circunscrito historicamente que, produto de um imaginário heterossexista, estrutura a manutenção da heterossexualidade compulsória” (aspas da autora).

Entender o regime de visibilidade sexual do armário a partir de suas ambiguidades e ambivalências, deste modo, figura como uma adoção metodológica privilegiada para analisar como a normatividade e os discursos de hierarquização e de naturalização da sexualidade incidem na constituição da identidade sexual dos indivíduos. Esta adoção metodológica permite analisar, do mesmo modo, como o processo de negociação da visibilidade sexual, marcado pela gestão do segredo e pela avaliação dos riscos da revelação pública, pode operar de modo a preservar a performatização cotidiana da vida íntima em uma sociabilidade dada<sup>5</sup> (Goffman, 2012).

Sob a ótica da antropologia das emoções e da moralidade, por sua vez, procuro acentuar os processos de justificação, as disposições morais e as gramáticas emocionais que organizam o processo de um regime de visibilidade sexual marcado pela gestão contínua do segredo. Partindo desta premissa analítica, ao analisar a experiência de

Luiza, busco realçar os modos como a mesma organiza sua curva de vida e expectativas de futuro.

Para tanto, tomo como objeto de análise a relação entre confiança e segredo na experiência da amizade, uma vez que, nesse processo de resignificação biográfica e constituição de uma nova temporalidade, a experiência da amizade se configura por trocas intersubjetivas, as quais possibilitam reduzir os significativos custos emocionais que a experiência do armário exige para ela.

Nesse sentido, ao analisar a amizade como modo de vida, Eribon (2008: 38-39) esclarece que:

a sociabilidade gay – ou lésbica – funda-se, primeiramente e antes de tudo, numa prática e numa “política” da amizade: é preciso procurar estabelecer contatos, encontrar pessoas que vão se tornar amigos e, aos poucos, constituir um círculo de relações escolhidas. [...]. Pois hoje, como ontem, o círculo de amigos está no centro das vidas gays [e lésbicas], e o percurso psicológico (e, com frequência, geográfico) do homossexual marca uma evolução da solidão para a socialização em e pelos lugares de encontro (sejam os bares ou os parques). Assim, o modo de vida homossexual está fundado nos círculos concêntricos das amizades ou na tentativa sempre recomeçada de criar tais redes e de estabelecer tais amizades (aspas do autor).

No processo de compartilhamentos das regras de interação, deste modo, a noção de segredo permite entender as ambiguidades e ambivalências que configuram a experiência da amizade como uma forma de sociabilidade. Trata-se, assim, de assinalar as afinidades que orientam a confiança exigida e a lealdade presumida na vivência dos vínculos entre as pessoas envolvidas, assim como o quadro de vulnerabilidades que configura o processo de guarda e preservação dos segredos compartilhados.

### **Amizades, emoções e moralidades**

Neste artigo, como já aludido, procuro realizar uma análise aproximativa da relação entre confiança e segredo na experiência da amizade de Luiza, sob a ótica dos paradigmas da antropologia das emoções e da moralidade. A partir da configuração conceitual aqui elencada, assim, busco problematizar as gramáticas emocionais e morais produzidas em uma experiência de amizade. Deste modo, neste artigo parto do

pressuposto da amizade como um ato de entrega ritualizado que, marcado pelo encontro e pelos sentidos das afinidades objetivadas na relação, permite que os indivíduos possam ampliar o espaço interacional simbólico em uma sociabilidade dada. Nesse sentido, Simmel (2009: 231) analisa que:

O ideal da amizade vem das tradições antigas e de maneira bastante singular se tem desenvolvido diretamente no sentido romântico objetivando uma absoluta confiança e intimidade, [...]. Essa entrada do ego inteiro e indiviso numa relação pode ser mais plausível na amizade do que no amor, porque no caso da amizade falta a concentração num só elemento, que no caso do amor é a sensualidade. [...] A amizade, em que a entrega não é tão apaixonada mas também não é tão desigual, pode servir melhor para ligar por inteiro as pessoas; pode abrir as comportas da alma de modo menos impetuoso, porém mais amplo e mais duradouro.

No processo de vivência da amizade, deste modo, a possibilidade de uma construção de laços de intimidades implica, por sua vez, regras de conduta que configuram o espaço de negociação entre os indivíduos. Trata-se, assim, de um processo relacional com limites e fronteiras morais que orientam a ação dos indivíduos para a continuidade e solidificação da relação. As regras de conduta e ação, nesse sentido, assim como os espaços de negociação, exigem permanentemente a renovação dos laços de confiança e confiabilidade. A esse respeito, analisa Simmel (2009: 226):

A confiança, como a hipótese de uma conduta futura que certamente se tornará a base da ação prática é, enquanto hipótese, uma condição intermediária entre conhecer e não conhecer a outra pessoa. A posse de todo o conhecimento poria fim à necessidade de confiar enquanto a completa ausência de conhecimento tornaria a confiança evidentemente impossível.

Sob este ponto de vista, a amizade figura como uma rede concreta de compartilhamentos de regras. A confiança, nesse sentido, como uma complexa ação marcada por ambiguidades e ambivalências, organiza a prática interativa na vivência relacional da amizade. Esta noção de confiança, por sua vez, remete à análise às possibilidades de traição, à proteção do segredo revelado e às promessas de lealdade negociadas entre os indivíduos envolvidos na relação.

Assim, a amizade, dado o exposto até aqui, pode ser analisada como um conceito relacional que envolve a lealdade, a fidelidade, a confiança e o segredo. No entanto, a

amizade, como uma relação pessoal que permite revelar os segredos mais íntimos ao outro relacional, envolve, ainda, a noção de traição (Koury, 2014b).

Partindo desta perspectiva de análise, a amizade pode ser entendida como um princípio norteador do social e da cultura. No entanto, a vivência cultural e social da amizade implica um processo permanente de negociação e vigilância. Exige ainda uma busca do cumprimento das regras e dos códigos de ética estabelecidos entre os indivíduos relacionais. Nesse sentido, deve-se também ressaltar o caráter relacional que o conceito de amizade possui, assim como a noção de confiança mútua que o laço de amizade implica. Deste modo, sublinha-se ainda a possibilidade de traição que perpassa este compromisso pessoal (Koury, 2014d).

A amizade, portanto, pode ser entendida como uma experiência relacional que atua como um sustentáculo para uma forma de sociabilidade mais ampla do que a tradicionalmente dada pelas relações familiares e do parentesco. Deste modo, pode-se articular os conceitos de amizade e sociabilidade, de modo a analisar, particularmente, o processo de escolha e negociação permanente que caracteriza a aventura de ter amigos.

Na análise de Koury (2014c), assim, devido ao acelerado processo de urbanização, o individualismo e a lógica de diferenciação são aspectos basilares que têm reformulado os códigos de amizades. Esta reformulação, por sua vez, interfere nas relações de confiança que norteiam as redes de amizades. Contudo, este antropólogo pontua, ainda, que a manutenção de um laço de amizade exige esforços significativos, a exemplo da negociação e renegociação dos códigos de ética que amparam este laço, e da vigilância permanente desses códigos.

A análise aqui sugerida, portanto, aponta que a experiência de ter amigos implica uma relação ambivalente. Trata-se, assim, de uma experiência caracterizada pela descoberta da diferença e pelo encontro com o outro, ou, ainda pelo medo ou pela rejeição desse encontro. Esta experiência ambivalente, por sua vez, permite a construção de formas de convivências, bem como uma procura por conhecimentos mútuos.

A partir de uma definição interacional da amizade, deste modo, entendo que um amigo pode ser definido como outro relacional com o qual se compartilha experiências, o que, por sua vez, implica uma relação de confiança. Nesse sentido, esta ação de

compartilhar valores, experiências e projetos também configura o que se pode definir por amigo, assim como os sentidos de ser amigo (Koury, 2014f).

Devido ao acentuado processo de individualização, individualismo e competição, no entanto, o medo permanente de ser traído tem ampliado os códigos de amizade. No processo de construção cotidiana da amizade, portanto, os indivíduos relacionais precisam saber lidar permanentemente com o estranhamento e a desconfiança no ato de entrega pessoal ao outro (Koury, 2014e).

A conformação interacional de uma amizade, portanto, exige o compromisso com a lealdade e a fidelidade, sentimentos oriundos das regras de confiança mútua e da garantia do segredo da revelação. A confiabilidade, por sua vez, precisa ser negociada e renegociada entre as partes relacionais. No processo de intensa interação, a configuração de uma moral e de códigos de ética, como produto de negociações permanentes, legitima a experiência da amizade a cada nova interação.

A amizade, como já aludido, exige cotidianamente a negociação dos laços de confiança e confiabilidade. Na definição conceitual aqui elencada, a confiança pode ser traduzida como um sentimento de segurança íntima de compartilhamento das regras do jogo interacional. A confiabilidade, por sua vez, pode ser interpretada como a ação de conceber ou de conceder confiança entre os indivíduos relacionais em interação.

Nesse sentido, pode-se analisar os componentes que marcam a escolha por uma amizade ao invés de outra. Na ação aberta e iniciada de entrega, deste modo, que envolve a descoberta do outro e a descoberta pelo outro, as afinidades existentes ou idealizadas organizam a experiência da vivência dos vínculos entre os indivíduos. Portanto, a duração de uma ordem moral e dos códigos de ética que envolve a experiência da amizade, por sua vez, dependerá da lógica da negociação dos princípios de ação estabelecidos entre as partes envolvidas.

Sobre essas fronteiras morais e sensibilidades particulares que, por sua vez, configuram uma experiência de amizade, como um processo contínuo de negociação e renegociação da confiança e da confiabilidade, a insegurança e a incerteza são sentimentos que implicam uma vigilância permanente da relação.

Dado o exposto, a experiência da amizade se constitui pelos códigos de moralidade, compartilhamentos das regras de interação e pela cultura emotiva de uma sociabilidade dada. Como um ato de entrega ritualizado, a amizade se configura ainda a partir de um processo constituído pelas trocas intersubjetivas, no qual a confiança e a confiabilidade possibilitam reduzir a complexidade da interação social e comunicam um sentimento de segurança íntima. Estas análises apontam, assim, para os campos de negociação que singularizam os sentidos objetivados de continuidade dos laços de amizade.

Dito isto, o segredo, enquanto categoria de análise para Simmel (2009), pode ser definido como um componente individualizador nas relações sociais de diferenciação pessoal, que acentua e organiza estilos de vida e individualidades. A respeito do segredo como categoria de análise, nesse sentido, Simmel (2009: 239) esclarece que:

o segredo constitui um elemento individualizador de primeira ordem, num duplo sentido típico. As relações sociais de diferenciação pessoal acentuada o permitem e fomentam em grande escala; por outro lado o segredo cria e aumenta tal diferenciação. Num círculo reduzido, de relações estreitas, a formação e manutenção dos segredos se verão dificultadas pela razão técnica de que os membros estão demasiado próximos uns dos outros e porque a frequência e intimidade dos contatos provocam fortemente a tentação da revelação. Mas também aqui o segredo não faz muita falta, porque tais informações sociais conseguem nivelar seus elementos e as particularidades do ser, fazer e ter, cuja conservação demanda a forma do segredo, contradizendo a sua essência.

Esta significação sociológica do segredo possibilita entender, deste modo, como as moralidades são organizadas no cotidiano das experiências de amizade e como se configuram as regras de compartilhamento que orientam a ação do indivíduo em relação ao outro e aos externos da relação. Simmel, ao analisar, nesse sentido, a tensão que caracteriza a intencionalidade ou não-intencionalidade da ocultação e da revelação do segredo, esclarece que:

A característica sociológica das combinações entre segredo e revelação na vida do indivíduo é o conhecimento de outrem: aquilo que é intencional ou não-intencionalmente ocultado é intencional ou não-intencionalmente respeitado. A intencionalidade da ocultação no entanto assume intensidade muito maior no embate com a revelação. Esta situação dá lugar à ocultação e ao mascaramento muitas vezes agressivo e defensivo, por assim dizer,

contra uma pessoa, o que em si é designado como segredo. [...]. No sentido da ocultação de realidades por meios positivos ou negativos, o segredo é uma das maiores realizações humanas. [...] O segredo assim oferece, digamos, a possibilidade de um segundo mundo junto com o mundo manifesto, sendo este decisivamente influenciado por aquele (Simmel, 1999: 221).

Sob esta ótica de análise, os segredos são significados nas interações dos indivíduos em um jogo de intencionalidades da ocultação e da revelação do segredo. O segredo, enquanto um processo de guarda e preservação da face (Goffman, 2012, 2013), orienta, deste modo, as regras de conduta de cada indivíduo em interação. Nesse sentido, ao analisar a possibilidade de *traição* que a significação sociológica do *segredo* abriga, Simmel (1999: 223) esclarece que:

De modo bastante peculiar, os encantos do segredo estão relacionados com os do seu oposto lógico, a traição [...]. O segredo contém uma tensão que se dissolve no momento da revelação. Este momento constitui o apogeu no desenvolvimento do segredo [...]. Também o segredo contém a consciência de que pode ser rompido [...]. Por tal razão, o segredo está sempre envolvido na possibilidade e na tentação da traição; [...] A significação sociológica do segredo então, tem sua medida prática, seu modo de realização só na capacidade, na inclinação individual de mantê-lo, assim como na sua resistência ou fragilidade em face da tentação da traição, da revelação. Do contraponto entre esses dois interesses, o da ocultação e o da revelação, surgem nuances e tonalidades de interação humana que o permeiam em sua inteireza.

Na esteira das análises alvitradas por Simmel, ao problematizar o campo de vulnerabilidades produzidas em um processo de amizade, Koury (2015: 22) sugere que esta noção de segredo simmeliana

também permite a compreensão do processo de guarda e preservação das intimidades dos relacionais dos de fora da relação, bem como da constituição de um presente, passado e futuro que dão corporeidade à vivência entre os amigos e parceiros, assim como do processo de coerção e controle sobre a confiança exigida e a lealdade presumida entre os relacionais. O que transforma cada vivência relacional em um microcosmo organizacional que fortalece a relação, e a protege dos de fora, ao mesmo tempo em que cria um campo de vulnerabilidade na ação entre os parceiros amigos, na vigilância sobre o outro com que compartilha a mesma relação.

No processo contínuo de ocultação, preservação e elaboração da face, deste modo, a positividade do segredo como bem simbólico, em uma cultura emotiva dada, aponta para a confiança e a confiabilidade depositada no outro da relação. As emoções confiança, confiabilidade e segredo, assim, remetem ainda ao medo da traição e da insegurança individual, o que, por sua vez, implica a necessidade de controle dos processos de reciprocidade, lealdade e fidelidade. Partindo desses pressupostos, procuro perceber como se articulam a *confiança* e o *segredo* na experiência da amizade de Luiza.

### **Confiança, segredo e amizade**

Como já referido na introdução deste artigo, intento perceber o lugar da *confiança* e do *segredo* na experiência da *amizade* de Luiza, em um *regime de visibilidade sexual* denominado aqui de armário. *Regime de visibilidade sexual* este que se constituiu, na experiência de Luiza, por um processo contínuo de *ocultação* e *preservação do segredo* como bem simbólico. Situei, nesse sentido, que, por avaliar seus pais religiosamente conservadores, Luiza, por sua vez, disse não sentir uma abertura para lhes *revelar* suas experiências afetivas e sexuais com mulheres, ainda que se sentisse afetivamente próxima deles. Esta situação implicava, assim, uma organização cotidiana dos códigos morais e emocionais que orientavam a relação de *confiança* e *confiabilidade* estabelecida com seus pais.

Sobre este jogo de intencionalidades da *ocultação* e da *revelação do segredo*, Luiza fez a seguinte avaliação moral dos custos emocionais:

Apenas uma amiga sabe que me relaciono com mulheres. Os colegas do trabalho *desconfiam*, mas nunca assumi nada, embora eu ache que eles não teriam problemas em aceitar, pois são pessoas bem resolvidas quanto a isso. Mas é difícil ter que mentir para os meus pais, enganá-los. Isso me causa muita *dor*. É um *sofrimento* que me angustia todos os dias. Me angustia muito ter que esconder a verdade sobre a minha sexualidade. É doloroso ter que viver os meus relacionamentos apenas no privado. E como ainda não tenho condições de sair de casa, terei que sustentar essa situação por mais um tempo. Quando preciso dormir na casa da minha companheira, digo para os meus pais que vou dormir na casa dessa minha amiga. É a única forma que encontrei para eles não desconfiarem. Mas isso me causa *vergonha*, não queria ter que mentir para eles. (Luiza, junho de 2013, em João Pessoa; grifos meus).

Para Luiza o *medo da rejeição* de seus pais justificava a *preservação do sigilo* em relação às suas experiências homoeróticas. O *medo* de quebrar a *confiança* dos seus pais aparece, assim, como um dos principais sentimentos organizadores desta relação familiar. Deste modo, o *medo* configura e reconfigura cotidianamente a relação de Luiza com seus pais, uma vez que regula os sentidos e os significados que ela confere à conformação ordinária desta relação.

Os *medos* e os *receios*, portanto, possuem uma eficácia formativa do processo de constituição e manutenção das suas relações homoeróticas em *segredo*. Nesse sentido, o *medo*, a partir da experiência de Luiza, não pode ser pensado apenas como um gesto de retraimento, ao contrário, sua experiência aponta para o aspecto mobilizador do *medo*, o qual lhe abre novos caminhos para recriar outras múltiplas possibilidades de viver suas relações homoeróticas.

A experiência de viver as suas relações homoeróticas em *segredo*, assim, recria o ordenamento instituído pelos laços familiares, ainda que esta situação não lhe ofereça um sentimento de permanente *segurança*. Os sentimentos de *incerteza* e *insegurança*, deste modo, se vinculam intimamente ao *medo* de ter as suas relações homoeróticas reveladas publicamente, contudo, antes de indicarem um significado suspensivo da ação, estes sentimentos configuram e estruturam a ação como um processo criador de múltiplas possibilidades, as quais, necessariamente, não implicam uma recusa da ordem dada pela forma de relação assumida com seus pais.

Relação familiar esta que exige um processo contínuo de *justificação moral* da ação, acentuadamente marcado pelos arranjos simbólicos da *ocultação* e da *revelação*, no qual o *segredo* constitui uma modalidade de *acobertamento* e *proteção* da performatização da vida íntima, enquanto uma ação consciente e voluntária. Nesse sentido, as análises alvitadas por Eribon (2008: 124) assinalam que:

Com efeito, a obrigação de mentir consiste em manter presa no segredo da consciência uma boa parte de si mesmo. O que corresponde a constituir um gueto psicológico para ali dissimular a identidade sexual e afetiva e, portanto, uma boa parte daquilo que define a personalidade, preservando-a, assim, do olhar exterior e das possibilidades da injúria, do insulto, da desvalorização. Mas, [...], o “armário” só oferece uma segurança incerta, sempre ameaçada e, com frequência, fictícia. O homossexual que confina seu “segredo” num canto de sua consciência nunca pode estar certo de que

## Quando o armário é aberto: confiança e segredo na experiência da amizade

os outros não vão descobri-lo. Talvez o segredo já seja conhecido de todos ou de um certo número (aspas do autor).

As análises cunhadas por Simmel (2009: 18-40), por sua vez, ao elucidar a relação entre *segredo* e *proteção*, esclarecem que:

O objetivo do segredo é acima de tudo a proteção. De todas as medidas nesse sentido, a mais radical é a invisibilidade [...] o indivíduo busca a proteção do segredo. O indivíduo só o pode fazer bem, no entanto, em situações ou para ações particulares. [...] É [...] o segredo como ocultação consciente e voluntária.

No processo de tensão entre as fronteiras e hierarquias simbólicas da *ocultação* e da *revelação*, a experiência social e individual da *vergonha* e da *dor* marca a relação de Luiza com seus pais. A *vergonha* e a *dor* derivam, assim, do *medo* de quebrar os vínculos de *confiança* e *confiabilidade* estabelecidos com seus pais. Deste modo, como uma obrigação moral de preservação dos vínculos familiares, a experiência da *vergonha* se apresenta dolorosa, produzindo efeitos significativos na constituição de sua curva de vida. A *dor*, por sua vez, se expressa social e individualmente a partir dessa ordem moral produzida e vivenciada pela experiência de *envergonhamento*.

Sobre essa experiência da *vergonha* como uma *dor social*, Goudsblom (2009: 56) esclarece que:

A vergonha ocorre quando os laços de solidariedade e hierarquia são danificados. Isto é sempre desagradável e doloroso. [...] a vergonha é um sinal de que há algo errado em uma figuração social. [...] A dor social é social em um sentido duplo: é infligida socialmente pelas pessoas que “envergonham” (como punição), e demonstrad[a] socialmente pela pessoa que é envergonhada (como expiação), (aspas do autor).

A *desculpa* (Werneck, 2009) se configurava, nesse sentido, em uma ação orientada para a preservação dos vínculos familiares, de modo a ressignificar a relação de Luiza com seus pais, apesar do rigor da moralidade que o sentimento de *traição* implica para ela e para a figuração social em que se situava. Neste processo de *justificação moral* da ação, emergem os significados de ordem e normalidade que dão sustentação às noções

valorativas configuradas por Luiza, ao tomar a possibilidade de quebra de *confiança* como um sentimento balizador da sua relação familiar.

No entanto, estas tensões cotidianas não se instituíram em um estabelecimento de barreiras para a constituição das suas relações homoeróticas, ao contrário, parecem antes provocar a possibilidade de ampliação para novas experiências. Esta possibilidade de ampliação do campo de autonomia de Luiza em uma conformação familiar instituída, por sua vez, implica perceber a forma ambígua que assume o *medo* a cada nova interação, enquanto uma relação social e individual significativa em constante tensão, o qual assegura a eficácia do controle e da *preservação do segredo*.

Luiza, assim, ressalta que possui redes variadas de contatos, as quais incluem colegas do trabalho, vizinhos e parentes próximos, contudo, estas pessoas não foram definidas como íntimas. Deste modo, ela também sublinha que prefere ter poucos amigos, com os quais, por sua vez, possui laços duradouros e mais estáveis, pois assim se sente mais segura para compartilhar experiências cotidianas.

Entre estes poucos amigos, contudo, apenas Clara sabe sobre as relações afetivas e sexuais de Luiza com outras mulheres. Nesse sentido, como analisa Simmel (1970: 133) sobre as formas de relações sociológicas entre o indivíduo e a díade:

A díade, ela mesma, é uma sociação. [...] O caráter específico de uma relação, quando empenha apenas dois elementos, é um dado da experiência cotidiana. O acordo ou o segredo entre duas pessoas, o destino ou objetivo comum, ligam-nas de maneira muito diversa daquela que seria possível num grupo maior, ainda que fosse de apenas três participantes. Esta é, talvez, a característica maior do próprio segredo. A experiência parece mostrar que o mínimo de dois, com o qual o segredo deixa de ser propriedade de apenas um indivíduo, é ao mesmo tempo o máximo que ainda permite sua preservação mais ou menos segura.

Enquanto caminhávamos pelo calçadão da orla de João Pessoa e tomávamos uma água de coco, Luiza narra como conheceu Clara. Segundo seus relatos, elas se conheceram quando cursavam a graduação em Comunicação Social, inicialmente, eram apenas colegas de curso. A partir deste contato mais formal, por sua vez, aos poucos elas foram se aproximando e criando momentos para o compartilhamento de intimidades. E, mesmo depois de terem concluído a graduação, a amizade entre elas perdurou até o

momento da pesquisa. Clara significava, deste modo, uma pessoa com quem Luiza poderia compartilhar suas experiências homoeróticas e confidenciar seus segredos. Nesse sentido, Luiza ressaltava que:

Quando eu ainda não tinha tido experiências com mulheres e acompanhava os relacionamentos das minhas amigas lésbicas, podia perceber o quanto era difícil para elas viverem seus relacionamentos na clandestinidade. E mentir foi uma das primeiras coisas que aprendi com essas minhas experiências com mulheres. Mentir não apenas para os meus pais, mas também para minhas colegas de trabalho, de bairro, de rua, enfim para as pessoas próximas. Mas ainda bem que tenho essa minha amiga, com ela eu consigo ser eu mesma, *confidenciar* minhas experiências, falar sobre meus relacionamentos, pedir conselhos. A amizade dela me ajuda a aliviar a *angústia* e a *culpa* que sinto por ter que mentir para as outras pessoas, pois poder falar com ela sobre minhas experiências me deixa mais leve. E eu confio muito nela, sei que nunca comentou nada com ninguém. É uma amizade de longa data e isso me dá mais *confiança* para acreditar na nossa amizade e *confidenciar* a ela os meus *segredos*. (Luiza, junho de 2013, João Pessoa; grifos meus).

Como pode ser vislumbrada, no relato de Luiza, a relação de *amizade* que ela construiu com Clara se configura por um sentimento de *segurança* íntima. Sentimento este oriundo de um processo de afinidades e marcado pelas experiências próximas compartilhadas, assim como pela *confiança* depositada na relação. O qual, nesse sentido, permite a Luiza revelar os *segredos* mais íntimos para a sua amiga. A experiência de amizade relatada por Luiza, deste modo, organiza-se a partir de um processo distinguido pelas trocas intersubjetivas (Velho, 2006; Simmel, 2004, 2010), processo este estruturado pela busca de conhecimento e convivência mútuos.

Caracterizada como uma amizade duradoura, assim, esta experiência de Luiza se configura, ainda, por uma ordem moral e códigos de ética, que funcionam como um suporte para a relação. A amiga citada, por sua vez, se apresenta como uma relação pessoal, na qual se pode confiar os seus *segredos* mais íntimos e compartilhar suas experiências, sem *medo da revelação* pública dos segredos e das experiências compartilhados.

No entanto, como analisa Koury (2014d), não se pode perder de vista o processo contínuo de *negociação* que caracteriza a experiência da *amizade*, o qual se constitui pela

possibilidade sempre presente do *medo da traição* e da *revelação do segredo* compartilhado. Nesta mesma linha interpretativa, Simmel (2009: 12) esclarece que:

O segredo também se faz acompanhar do sentimento de que não o podemos atrair, o que nos põe nas mãos o poder de produzir mudanças e surpresas, de causar alegrias e promover destruições, ainda que seja a nossa própria ruína. Por isso a significação sociológica do segredo encontra seu modo de realização, sua medida prática, na capacidade ou inclinação do sujeito para guardá-lo ou, se se quer, na sua resistência ou fraqueza diante da tentação de atraí-lo. Do contraste entre estes dois interesses, o de esconder e o descobrir, brotam o matiz e o destino das relações mútuas entre os homens.

Luiza, nesse sentido, disse que se sentia insegura em relação ao que se poderia contar e até que ponto poderia confiar nesta sua amiga. No processo de descoberta da sua amiga e da descoberta pela sua amiga, ou seja, durante os percursos iniciais da sua amizade com Clara, de maneira mais ou menos segura, Luiza procurava preservar ao máximo os detalhes sobre as suas relações homoeróticas. Para tanto, ela não apresentava as suas parceiras para Clara.

No entanto, Luiza também ressaltava que não se sentia discriminada por sua amiga, assim como não exigia que Clara aceitasse as suas relações homoeróticas. Porém avaliava que era relevante que a sua amiga respeitasse tais relações. O sentimento de *respeito* sublinhava, assim, um código simbólico a partir do qual as suas experiências homoeróticas poderiam ser visibilizadas no interior desta relação de amizade. Nesse sentido, Luiza ainda relatava que, na construção cotidiana da amizade, o fato de se sentir *respeitada* e a *confiança* mútua depositada na relação passaram a conferir os sentidos de continuidade e a permanência dos laços recíprocos entre elas.

Essa intencionalidade de *preservar* e de *proteger* a relação de *amizade* da possibilidade de quebra, por sua vez, pode ser interpretada a partir da noção simmeliana de *fidelidade*. Sob esta ótica de análise, assim, a *fidelidade* figura como uma forma de sentimento direcionado para a continuidade da relação, que exige a organização dos códigos emocionais dos indivíduos em interação. A respeito do significado sociologicamente orientado da *fidelidade*, nesse sentido, Simmel (2003: 513) esclarece que:

## Quando o armário é aberto: confiança e segredo na experiência da amizade

A fidelidade [...], no sentido aqui discutido, possui o significado que a pessoal e oscilante vida interna adota, em virtude disto, por sua vez, de fato, um caráter fixo, uma forma estável de relação. Ou vice-versa, a solidez sociológica, para além da vida imediata parece buscar, na verdade, os seus ritmos subjetivos, e se direciona para o conteúdo da vida subjetiva, isto é, de uma vida emocionalmente determinada.

Em seu relato, sobre o processo intencional de *preservação* e de *proteção* da relação de *amizade*, Luiza assinala, por fim, para as conformações morais organizadas internamente pelo sentimento de *lealdade* que uma deve a outra e as duas à relação em si. Na ação e no caminhar para a solidificação da relação, deste modo, o fato de se sentir *segura* e do ter *segurança* na *lealdade* e *fidelidade* da sua amiga, assim como a ação de poder *confiar* e ser depositária de *confiança*, configura um elo de *reciprocidade* entre elas, o qual, por sua vez, orienta o agir de Luiza para a edificação de um vínculo mais intenso.

### Considerações

Neste artigo, sob a ótica dos paradigmas da antropologia das *emoções* e da *moralidade*, tentei analisar como se articula a relação entre *confiança* e *segredo* na experiência da amizade, em um *regime de visibilidade sexual* apresentado aqui como armário. Nesse sentido, parti da pressuposição de que este *regime de visibilidade sexual* apresenta uma gramática moral particular que exige a organização dos códigos emocionais, assim como implica uma avaliação moral dos custos emocionais para os indivíduos com práticas sexuais dissidentes.

Na definição conceitual aqui elencada, deste modo, a conformação relacional de uma *amizade* envolve a *lealdade*, a *fidelidade*, a *confiança* e o *segredo*, assim como a noção de *traição*. Dito isto, a *confiança* pode ser traduzida como um sentimento de segurança íntima e a *confiabilidade* como a ação de conceber ou de conceder confiança. As categorias de análise *confiança* e *confiabilidade* remetem, assim, para as possibilidades de *traição*, *proteção* do *segredo* revelado e promessas de *lealdade* negociadas entre as pessoas envolvidas na relação de *amizade*.

Sob esta ótica analítica, a partir das teias de significados que Luiza confere as suas experiências homoeróticas, deste modo, pretendi sublinhar as gramáticas emocionais, as disposições morais e os processos de justificação que configuram estas experiências. Do

mesmo modo, procurei apontar as *reciprocidades* que configuram a relação de *amizade*, as quais possibilitam reduzir os significativos custos emocionais que este *regime de visibilidade sexual* exige.

Isto posto, a trajetória individual de Luiza apontou uma possível diferenciação entre as *relações familiares* e as *relações de amizade*, nesse sentido, o *medo da rejeição* de seus pais justificaria a *preservação do sigilo* em relação as suas experiências homoeróticas. Assim, a *desculpa* se configurava como uma *estratégia de evitação* da quebra dos vínculos familiares. A relação de *amizade*, por sua vez, oferecia-lhe a possibilidade de ampliar a interação simbólica em uma sociabilidade dada. Os sentimentos de *respeito* e *confiança* mútuos, nesse sentido, preservavam e protegiam a relação de amizade da possibilidade de quebra.

Para findar, ainda procurei perceber a dimensão inventiva de Luiza para desmontar ordenamentos instituídos, recriar uma ordem dada e refazer outras múltiplas significações. Deste modo, tentei perceber o campo de autonomia de Luiza em uma conformação familiar instituída. O *medo*, assim, não se constituía em um gesto de retraimento, mas antes provocava a busca por novas *estratégias* de vivenciar as suas relações homoeróticas.

## Notas

1. Agradeço à Tarsila Chiara Santana a leitura atenta. Agradeço ainda às/aos pareceristas anônimas/os da Revista Equatorial os comentários sugestivos e elogiosos.
2. Pesquisa realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, com financiamento da CAPES e sob a orientação da Profa. Da. Mônica Franch. Os resultados dessa pesquisa foram originalmente publicados como dissertação de mestrado e, posteriormente, publicados como livro, ver Oliveira (No prelo).
3. Para uma análise mais ampla sobre a amizade, a partir de uma perspectiva antropológica, deve-se também consultar os trabalhos de Cláudia Barcellos Rezende, ver Rezende (2001, 2002a, 200b).
4. Posteriormente publicada como livro, ver Oliveira (No Prelo).
5. Para uma análise mais sistemática sobre as gramáticas emocionais e morais que configuram o armário como um regime de visibilidade sexual, sob a ótica de análise aqui elencada, sugiro consultar o capítulo 3 do livro *Prazer e risco nas práticas homoeróticas entre mulheres*, ver Oliveira (No Prelo).

## Referências bibliográficas

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

GOFFMANN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed., Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GOFFMANN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 19. ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

GOUDSBLOM, Johan. A vergonha: uma dor social. In: Ademar Gebara e Cas Wouters (org). **O controle das emoções**. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2009, pp. 47-60.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Introdução à sociologia da emoção**. João Pessoa: Manufatura, 2004.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Emoções, cultura e sociedade**. Curitiba: RCV, 2009.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Introdução. In: \_\_\_\_ **Estilos de vida e Individualidade: Ensaios em Antropologia e Sociologia das Emoções**. Curitiba: Appris, 2014a, pp. 9-14.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Amizade e Modernidade. In: \_\_\_\_ **Estilos de vida e Individualidade: Ensaios em Antropologia e Sociologia das Emoções**. Curitiba: Appris, 2014b, pp. 15-26.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. A amizade na idade adulta. In: \_\_\_\_ **Estilos de vida e Individualidade: Ensaios em Antropologia e Sociologia das Emoções**. Curitiba: Appris, 2014c, pp. 27-32.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Amizade e Sociabilidade. In: \_\_\_\_ **Estilos de vida e Individualidade: Ensaios em Antropologia e Sociologia das Emoções**. Curitiba: Appris, 2014d, pp. 33-42.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Amizades difíceis. In: \_\_\_\_ **Estilos de vida e Individualidade: Ensaios em Antropologia e Sociologia das Emoções**. Curitiba: Appris, 2014e, pp. 43-46.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O que significa ser amigo. In: \_\_\_\_ **Estilos de vida e Individualidade: Ensaios em Antropologia e Sociologia das Emoções**. Curitiba: Appris, 2014f, pp. 47-52.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Por que as amizades acabam? Uma análise a partir da noção goffmaniana de vulnerabilidade. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad**, n°17, ano 7, abril-julio, 2015, pp. 20-31.

MALDONADO, Simone Carneiro. Breve incursão pela sociologia do segredo. **Política**

OLIVEIRA, Jainara Gomes de. **Prazer e risco nas práticas homoeróticas entre mulheres**. Curitiba: Appris, (No Prelo).

REZENDE, Claudia Barcellos. Entre Mundos: Sobre Amizade, Igualdade e Diferença. In: G. Velho e K. Kuschnir (orgs.), **Mediação, Cultura e Política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, pp. 237-264, 2001.

REZENDE, Claudia Barcellos. **Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade**. Rio de Janeiro: FGV, 2002a.

REZENDE, Claudia Barcellos. Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções. **Mana**, vol.8, no.2, 2002b.

REZENDE, Cláudia Barcellos; COELHO, Maria Cláudia Pereira. **Antropologia das Emoções**. São Paulo: FGV, 2010.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Revista Bagoas**, n. 5, 2010, p. 17-44.

SANTANA, Tarsila Chiara Albino da Silva. Estilos de vida e performances masculinas entre homens gays em Recife, Pernambuco. **Revista Café com Sociologia**, (No Prelo).

SEDGWICK, Eve Kosofsky. "A epistemologia do armário". **Cadernos Pagu**, v. 28, p. 19-54, jan. /jun. 2007.

SIMMEL, Georg. El Espacio y La Sociedad. In: **Sociología: estudios sobre las formas de socialización**. Traducción del Aleman por J. Pérez Bances. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1939, cap IX, p. 207-288.

SIMMEL, Georg. O indivíduo e a díade. In: Fernando Henrique Cardoso & Octávio Ianni (Orgs). **Homem e Sociedade**. 5ª edição, São Paulo: Editora Nacional, 1970, pp. 128 a 135.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zarar, 2006.

SIMMEL, Georg. O segredo. Tradução de Simone Carneiro Maldonado. **Política e Trabalho**, n. 15, 1999, p. 221-225.

SIMMEL, Georg. A sociologia do segredo e das sociedades secretas. Tradução de Simone Carneiro Maldonado. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, v. 43, n. 1, abr. 2009, p. 219-242.

SIMMEL, Georg. **Fidelidade e Gratidão e Outros Textos**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2004.

SIMMEL, Georg. Fidelidade: Uma tentativa de análise sócio-psicológica. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v.2, n.6, pp. 509-515, João Pessoa, GREM, dezembro de 2003.

SIMMEL, Georg. Gratidão: Um experimento sociológico. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 9 (26): 785-804, agosto de 2010.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [1997] 2012.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade**: Uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

WERNECK, Alexandre. **O invento de Adão**: O papel do ato de dar uma desculpa na manutenção das relações sociais. Tese. IFCS/UFRJ, 2009.